

Youtubers ensinam crochê e mostram que a técnica não é só para meninas



O canal de Junior Silva tem mais de 27 mil inscritos

Dois garotos estão usando a internet para ensinar crochê e estimular outros meninos a praticar a técnica. No YouTube, Junior Silva, de 12 anos, e Pedro Santos, de 18 anos, dão dicas bem detalhadas de costura e quebram um antigo tabu ao mostrar que todo mundo pode se dedicar ao bordado.

Com mais de 27 mil inscritos no canal, Junior dá dicas para iniciantes e en-

sina a fazer o trançado usado para decorar panos de prato e toalhas, por exemplo. Ele mesmo grava os vídeos com um celular, edita e posta também no Facebook, em uma página administrada pela mãe dele. Logo no primeiro vídeo, o crocheteiro explica que aprendeu a costurar com a tia e a avó e afirma que já tem habilidade para fazer um tapete inteiro!

Já Pedro Santos, dono do canal Pedro Victor & Crochê, ficou conhecido após fazer um vídeo questionando quem acha que a técnica é “coisa de menina”. Nas redes sociais, muitos compartilharam a gravação, que teve mais de 2 milhões de visualizações. “O crochê é uma arte maravilhosa, que vale a pena fazer”, diz Pedro. Ele aconselhou os meninos que querem se dedicar à técnica a seguir em frente, não desistir e “não ligar para críticas”.

Pedro, que vende tapetes, bolsas e roupas por encomenda, conta que, no começo, sofreu preconceito por parte de alguns membros da família. “Eu dizia

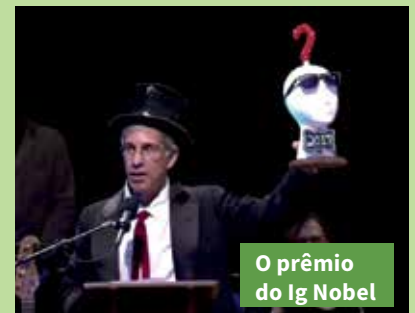
que as críticas não tinham fundamento, que era só uma agulha e uma linha.” Com o tempo, no entanto, ele contou ao Joca que o pai, por exemplo, passou a apoiá-lo: “Ele percebeu que eu continuaria a fazer, de um jeito ou de outro. Viu que eu realmente queria aquilo”.



Pedro: “É uma arte maravilhosa, que vale a pena”

Tabus
São convenções sociais, religiosas e culturais. Eles geralmente proíbem determinadas práticas ou evitam assuntos polêmicos. Toda sociedade tem os seus.

Brasileiros vencem prêmio de pesquisas bizarras



O prêmio do Ig Nobel

Dois brasileiros participaram de estudos que venceram o Prêmio Ig Nobel, paródia da conceituado Prêmio Nobel dedicada a pesquisas que “fazem rir”. A homenagem é feita por uma revista de humor que, todos os anos, no mês de setembro, premia estudos bizarros em um evento na Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

Rodrigo Ferreira, da Universidade Federal de Lavras (MG), foi premiado por descobrir uma espécie de inseto em que as fêmeas têm pênis e os machos, vagina. Já Fernanda Ito, da Universidade Federal de Pernambuco, ganhou por detectar morcegos que, por falta de alimento, passaram a se alimentar de sangue humano.

Os vencedores recebem uma cédula de 10 trilhões de dólares do Zimbábue, moeda com valor desprezível, ou ignóbil!

EM PAUTA

Competição de robótica premiará projetos sustentáveis

Jovens de 9 anos a 16 anos terão que criar projetos sobre uso consciente da água na temporada 2017/2018 da competição de robótica First

Lego League. O torneio, que envolve etapas regionais, nacionais e internacionais, tem como objetivo incentivar crianças e adolescentes a

criar robôs e resolver problemas típicos de cientistas e engenheiros.

Nas etapas regionais, que começam em novembro, os competidores deverão montar equipes de dois a dez competidores, cada uma com dois treinadores adultos. Em seguida, os participantes terão de passar por quatro etapas de avaliação, que envolvem criação do projeto e montagem do robô. Aqueles que tiverem bom desempenho nas etapas regionais passarão para a etapa nacional, que acontecerá no Paraná, em março de 2018. De lá sairá o time que representará o Brasil na competição internacional, que envolve 85 países.

Participante da temporada 2016/2017, a equipe Robopink,

formada pelas paulistanas Bianca C., de 12 anos, Caroline F., Grazielli D. e Ana Clara e S., de 11 anos, teve que desenvolver um projeto que envolvesse animais e humanos. “Nós criamos um sistema que ajuda no combate a queimadas nas florestas”, explica Bianca. No projeto, toda vez que a temperatura do ambiente aumentava, os bombeiros eram acionados e um ruído era emitido para espantar os animais da área de risco.

Para participar de competições como a Lego League, as meninas têm aulas semanais de robótica, em que aprendem técnicas de montagem e programação. Bianca e Caroline dizem que adoram a ideia de montar robôs e vê-los funcionando. “Criar algo novo é muito legal”, resumem.



Agora, elas querem se preparar para, no futuro, se tornar engenheiras: “Essa área é ótima, queremos continuar nela.”

Como participar?

As inscrições serão abertas em breve. Acompanhe pelo site portaldaindustria.com.br/sesi/canais/torneio-de-robotica.



Equipes de jovens criam robôs